

O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 15.

SABBADO 30 DE JUNHO.

1860.

Retratos à lapis.

TAVARES BASTOS.

Será possível amar uma pedra?

Alta questão de physiologia, sobre a qual ainda não vi duas opiniões concordes. Amar uma estatua, Pygmalião amou, amou Miguel Angelo, adorou-as muitas o inexaurível Canova. Eram a forma sensível de seu genio, a mais occulta porção de si, *dimidia pars animæ suæ*. Mas enmorar-se de uma pedra, silenciosa e fria, inglorio marco dos tempos que vão passando... Pôde ser. Quanto a mim que enxergo no platonismo a degeneração do realismo, acredito que por excesso de idealidade chegue-se a esgotar a energia de uma paixão profunda nessas abstracções da vida e do movimento. Opinião que se affasta um pouco do illuminismo hegeliano, para o qual não ha corpo sem espirito, nem materia sem forma, nem existencia sem vida.

Lembra-me isto por pensar em certos homens que se extasiam diante de um raciocinio geometrico, como os agiotas, os modernos israelitas, adoram o hezerro de ouro; como eu adoro a diligencia por ser o ultimo gráu da preguiça.

Entre aquelles idolatras do bello intellectual colloca-se o Sr. Tavares Bastos (Aureliano). Votado á sciencia com todas as potencias de sua alma, consome vigílias e vigílias sobre um relatorio ministerial, como Agardh gastou sua vida sobre as algas, observando-lhes as metamorphoses.

E' um homem aquelle que não pôde ser retratado sinão *en robe de chambre*: pois é caseiro como uma lady que lê a bíblia encadernada em setim-rosa. Só acorda desse magico lethargo do estudo, quando por descuido deixa a chave na fechadura e entram os amigos para participarem daquelle espirito scintillante, chrystal de facetas furtivos que espargem luz e iris com profusão, sempre vivaz, sempre prompto e bem disposto. E' um prazer real conversar com elle, como estar n'uma praia deserta «que a lua branqueia», apanhando conchinhas ao lado da mulher amada. Ha só uma diffe-

rença: quando vem a onda, *ella* precipita-se em nossos braços, de susto. Venturosa innocencia! abençoada onda!

Mas naquelle atrapalhado viver de official de secretaria, o Sr. Tavares Bastos ainda não perdeu de todo os habitos de estudante, deste ser excepcional que não vive pela cabeça nem pelo coração, mas pela bossa do paradoxo. Esta feição characteristica é que elle vai perdendo no ambiente positivo onde resfolgam-lhe os pulmões; porem os exteriores sabem ainda á academia.

Talento fecundo e fertil, cultiva o bello ideal com o mesmo apêgo que estuda um regulamento da marinha ou o tratado pratico dos bancos de Gilbart. O fogo do lar aquece-lhe e distende todas as fibras com a mesma intensidade; e si acontece resfriar-lhe a veia da politica, é que bôlha a da arte com calor dobrado.

Em poesia, é o seu sonho doirado a nacionalidade. Mas esta ha de ser consolidada por uma epopeia indiana, rhapsodia de Niebelangen, cujo assumpto deve ser a corrente da emigração dos indios do norte para as risonhas campinas do sul, onde cresce a palmeira de envolta com os cactos no descalvado dos serros que a cortam ou circundam; o heroe, um hecatonkiros, com um pé nos gelos da Groenlandia e o outro na Terra do Fogo; o poeta, uma geração inteira de guerreiros, sacerdotes e reis; o livro, as folhas que ceciam mysterios do tumulto nas florestas americanas; e provavelmente as lettras, as nebulosas da via-lactea.

E' um plano soberbo; mas ah! «Os homens são como as folhas: o vento derriba umas no chão, e da floresta virente rebentam outras; e então é a volta da primavera. Assim é a raça dos homens: nascem uns, morrem outros.» Esta importante descoberta, communicou-a á Diomedes o valente filho de Hippolocho, e conservou-a escrupulosamente Homero ou quem suas vezes fez, na Illiada. O vento ha de soprar e derribar-nos no chão da morte, e a epopeia indiana e o hecatonkiros é a geração dos guerreiros ainda não terão deitado a cabeça fóra do seio da madre-natureza.

Mas, enquanto o mundo roda em seus eixos, vai a gente ouvindo ao nosso *modelo* do desinvolvimento daquella saga no tempo e no espaço.

Por ventura pensam que essas inclinações para o maravilhoso desarranjam os *habitots reaes* do nosso heroe? Qual; elle é o homem mais methodico, a linha mais aprumada que se conhece. Na punctualidade é um relógio inglez; porque neste assumpto não ha inglez que não seja uma meridiana. Trabalha regularmente até as tres horas da madrugada, e antes das nove está de pé.

Observador curioso, não tem contudo a intuição da experiencia, a qual muito lhe ha de amargar, porque, joven como é, ainda não affez o coração ao estoicismo. Uma decepção magôa-o extremamente; preferiria viver illudido toda a sua vida. A sensibilidade! dom tão funesto ao politico, como o é a memoria para os desgraçados. Muito lhe ha de custar o conviver entre os empreiteiros da democracia.

Ri-se muito francamente das reputações improvisadas, franze o nariz aos padres conscriptos da praça do commercio, bebe bordeaux ao jantar, lamenta uma vez por dia a alta que mantem as letras do commercio sobre as letras da litteratura, encerra-se no quarto, põe os olhos no futuro e consulta sobre duas ou tres duzias de negocios da repartição. Taes são suas occupações quotidianas.

Seu ideal na politica é o *self-government*, como o intendem e praticam os inglezes. Porem para chegar-se á isto, ha de se dar alma á familia, para da familia brotar o municipio, que será a matriz das provincias, cuja união e prosperidade serão a fonte de grandeza e felicidade da patria. Este é o indice do seu systema governamental.

Mas ah, meu caro Bastos! pensa que em dez ou doze annos se escrevem os capitulos dessa obra? nem em vinte, nem em trinta. Olhe: são precisos, pelo menos, cinco seculos: um, para convencer ao pae de familia que sua mulher é mulher, e que são seus os filhos de sua mulher; outro, para a tal historia do municipio; o terceiro, para demonstrar aos Pernambucanos que os Bahianos tambem descendem de Adão e Eva; o quarto para os *self-governants* descobrirem onde é o Brasil; o quinto, finalmente, para se desmanchar tudo e voltar tudo ao antigo estado.

E cuida que o espirito portuguez, mesclado de africano e indio, e amaneirado a

franceza, prestar-se-ha nunca á realizar o presente politico da Inglaterra? Meu amigo, os homens o que são, não devem-n'o á educação, devem ao sangue que lhes corre nas veias e ainda mais ao ar que respiram.

Passados aquelles cinco seculos, renovado o clima pelas transformações successivas que fôr soffrendo, então sim, a sua vigesima geração poderá pôr em practica aquellas idéas.

O Snr. Tavares Bastos foi aqui o mentor desvellado de muitos rapazes que se entregavam á litteratura, e aos quaes apontou, com o entusiasmo da convicção e com a eloquencia fulminante que lhe é natural, a vereda da nacionalidade da arte. Era em seu gabinete de estudo; e entre um copo de cerveja e um prato de fios d'ovos, discutiam-se as theorias estheticas de Hegel, Schiller e Richter, criticavam-se dous volumes de V. Hugo, lia-se uma composição nova do Snr. Bittencourt Sampaio, dizia-se mal dos romances do Snr. Teixeira e Souza e decidia-se si a propriedade litteraria era de direito natural ou de direito positivo, applaudia-se á uma poesia fresca do Snr. Gentil Homem, e averiguava-se si Hoffmann tinha tocado a baba antes de escrever os *Contos Phantasticos*.

Não fallando em certos romances intimos que eram então narrados e ouvidos no mais religioso recolhimento, ou ao abrir de um malicioso sorriso de quem dava muita cor de rosa ao quadro. Quando as vellas se apagavam é que a nobre assembléa lembrava-se de consultar o relógio. Passava muito de meia-noite: as horas tinham corrido com a velocidade do pensamento, e ninguem bocejava, a excepção dos gallos que abriam a bocca na visinhança.

O nosso heroe escreve cartas encantadoras. Dá vontade de lel-as, relel-as e lel-as ainda, e retemperar a alma naquelle manancial fecundo de regalo e contentamento. Elle bem sabe que a actualidade não presta para nada; que a litteratura é mercadoria sem preço corrente; que o amor é uma rosa que abre no baile, vegeta duas horas de conversação á parte e desfolha-se na Igreja, deixando de si somente os espinhos. Porem não admite que por isto se chore, nem façam-se lamentações, nem se arripiem os nervos dos outros. Porque o amor é uma occupação como qualquer outra, como o fumar para o fumista (elle não fuma), como o ralar para os velhos, como a guerra do toucador para as mulheres bellas. Demais,

não é bom dar mais largas á uma de preferencia ás outras faculdades: estudar, amar e obrar igualmente, eis a sua philosophia practica.

Vai poucas vezes ao espectáculo, o que admira n'um homem de letras. Mas quando vai, vale a pena entreter-se com elle: com a critica espiituosa dos salões do Rio, com a analyse do discurso do deputado fulano ou dos actos do ministerio de tal repartição, entremeia-se uma observação scenica, uma distracção musical, um á proposito original. E' assim que elle conversa: ás cabriolas, como um gamo correndo na planicie no mez das flores.

Não tem o olhar vesgo da inveja; faz justiça aos seus rivaes; mas quando são rivalidades pequeninas, olha por cima do hombro e muda de assumpto. E com aquelle systema das cabriolas, não se pôde chamal-o atraz, fóra máu gosto insistir.

Não fuma, já o dicemos; mas permite aos outros que fumem, cachimbem, usem de mechas, variem como quizerem seus prazeres nevoentos. Assim como não gosta que o encomodem, tambem não desconcerta os habitos de ninguem. Liberdade! fraternidade! e... igualdade, não! elle não se reputa igual á seus inferiores. Neste ponto suas vistas não tem o *cunho democratico*, não são hypocritas. Elle sabe o que vale, e que vale mais do que muitos de seus irmãos *em espirito e verdade*. A igualdade social é uma caçoada como nunca lembrou outra aos patriarchas da revolução; é triumpho que a demagogia nunca ha de alcançar sobre o bom senso da parcella pensante da humanidade.

Genio minucioso, indagador, chronista, perscrutador de ponto por ponto e dacta por dacta, gosta, entretanto, das vistas largas, dos traços geraes, da synthese transcendente. E' assim que aconselharia á um amigo que estudasse o direito constitucional pelo *Futuro politico da Inglaterra*, e a historia universal pela *Introdução de Gervinus*. O resto, suppre-o a reflexão propria. E não é pedantismo, não; elle mesmo faz assim, e quasi tudo que sabe, deve-o mais á si do que aos livros. «Ninguem pense pela cabeça dos outros, porque cada um tem a sua:» é a regra que dá e que observa.

Em casa está sempre vestido, ninguem o surprehende em habitos menores, e nisto segue as boas tradições. E' recebido pelos contemporaneos illustres, jornalistas, estadistas e artistas, e sabe chegar á proposito.

Arte difficil, que distingue a gente *limpa*, na frizante expressão do sul. Não anda com cartas de recommendação na algibeira, mas leva-as consigo, em si, para onde vai: seu talento e a nobreza de suas maneiras.

S. Paulo, Junho de 1860.

Sandoral.

EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

IX.

Mens muito amados discipulos e amigos.

Ao Todo Bom e Mizericordioso Deus, devi sempre a mais vivificante felicidade, quando vos via todos ao meu lado, quaes propugnadores de nobres principios, olhando-me como a chefe, e avidos por serem conduzidos na grande pejeja da dissipação das trevas, e procurando diligentes a verdadeira luz, que só apparece e brilha com o saber, e da sciencia. Hoje, porem, magoado o coração pelo soffrimento da mais acerba dor, todo elle é sentimento, todo angustia; e meus labios não poderão produzir sinão suspiros, como os meus olhos prantos saulosos de amargas lagrimas.

Presago o coração e já contristado, para mim foram os ultimos dias do ultimo anno cheios de desprazer e de melancolia.

Uma nova aurora surge e annuncia o anno que ia começar, mas longe de derramar sobre mim o doce effluvio que aos mortaes alenta, tetrico me acha, e mais tetrico ainda me deixou!

O primeiro clarão, o primeiro raio que do oriente o sol lançou, em vez de dissipar a densa nevoa que envolvia o meu espirito, mais densa a tornou; tudo, tudo em fim, se me patenteava com vizes de um mau prognostico.

O Janeiro ainda poucas horas tinha decorrido, e eis que uma fatal carta me annuncia a mais fatal das perdas, que um homem sensivel poderia soffrer!

Oh! dor, oh! angustia, minhas actuaes companheiras, fallae por mim, que todo agora dominado pela vossa cruel influencia, não posso expressar como devo e como sinto, a magoa do momento!

Morreu meu Paé!.....

O ente que eu mais na terra respeitava, o amigo mais caro e fiel que eu tinha neste valle de lagrimas e de perigrinações, o pro-

tector desvelado, e sempre affanoso em busca do meu bem estar: já não existe! para sempre o perdi; e orpham e inconsolavel tenho de continuar ainda neste mundo, sentindo e lamentando a ausencia d'elle! revolvendo-me no vacuo immenso, em que a sua falta me colloca!

Nem serei eu o unico que o lamente, como por certo o não sou a quem elle deixa em orphandade.

S. M. da S. F. é sem duvida um nome bem conhecido em quasi toda a provincia do Maranhão; elle era o de um verdadeiro philantropo, de homem incançavel no cumprimento dos seus deveres, quer sociaes, quer particulares.

Tinha sido bom filho e fôra optimo esposo; e nesse longo praso da sua viuvez, foi sempre o mais desvelado dos paes, e o melhor e mais benevolo dos amigos para com seus filhos.

Cidadão pacifico, amigo dedicado e prestimoso, elle assignalava os seus dias com os beneficios que fazia.

Geralmente estimado, era um devotado amigo da humanidade.

Orico ou o pobre, si os differencava, era em procurar ao ultimo suavisar o seu estado.

Os orphãos, as viuvas e familias desvalidas, e em geral os necessitados, que digam quantas vezes elle lhes enxugou as amargas lagrimas da desesperação; que ennumerem as vezes que com elles repartiu desse pouco pão, que as revoluções e os transtornos da vida deixaram para o sustento da familia que aliás tanto idolatrava.

Aquelles que como medico o consultavam, que manifestem a sua humanidade e piedade; e que mais vigor pareciam ainda ganhar junto ao leito do que soffria, e perto do miseravel.

Pae da pobreza, tal era o honrosissimo titulo que tinha sabido adquirir e merecer no Maranhão, pelos innumerados beneficios e caridade sem limites que nelle sempre encontraram.

O necessitado nunca o procurou debalde; nunca o deixou que se não fosse satisfeito; e nem elle jamais se approximou do que carecia, que não fosse o bem vindo.

Pio, religioso e humano, manifestava a sua philantropia antes com excesso que com falta de benevolencia. Quantas vezes eu o vi lançar mão do unico dinheiro, que então tinha, e applical-o á beneficio extranho!

O seu coração era tão bom, como nobre a sua alma.

E não devo eu ser inconsolavel pela perda de tão amante e virtuoso Pae? Acaso um ente destes é possivel ser substituido? Elle alem de ser o autor de meus dias, elle alem do desvelo com que sempre me tratou, elle que eu idolatrava, e a quem nunca pagaria tantas bondades e beneficios: poderá jamais de mim ser esquecida? Deixará de ser o meu mais saudoso e primeiro pensamento, a minha mais terna recordação?

Não, não morrerá em mim, como neste mundo morreu, o desvelado Pae, e amigo verdadeiro, como por sem duvida, não terá tambem elle morrido para aquelles que o puderam apreciar; pois que soube gravar o itinerario da sua jornada neste mundo nos corações dos seus concidadãos, com indeleveis e gratas recordações.

E enquanto entregue á dor, me é força viver, pago o tributo devido á sua memoria: farei par tambem ir preenchendo os mais deveres a que estou sujeito.

Como homem, como esposo, como pae, como mestre, e mais ainda como christão com os olhos na Cruz do Redemptor, farei por ir carregando a minha por este Calvario da vida, até que o fim desta me approxime da eternidade.

C. Y. 7 de Janeiro de 1857.

A vingança d'um irmão.

(Continuado de p. 97.)

« E D. Angela aos poucos foi deixando de me escrever, e um anno se passou sem que eu tivesse noticia de Julia.

.....
« Imagens voluptuosas de mulheres bellas com seus encantos á vista, com seus olhares de lascivia, começavam a me queimar a imaginação que dijjava nos sonhos de uma vida sensual. A vida devassa nos folguedos de uma cidade grande onde o vicio tão brilhantemente se apparatusava, começou a me seduzir, e ás noites por vezes eu gemia de impaciencia sonhando com os gritos freneticos d'uma orgia.

« A imagem de Julia se ia gradualmente apagando na minha alma á medida que o esqueleto do vicio se lhe aproximava... Pobre avésinha!—deixavas o teu pouso á chegada do abutre?...

« A's vezes, contudo, ainda eu chorava de saudade por ella:—Seria o grito extremo e agonisante do nosso affecto que me fazia assim chorar?... Mas eu era como um homem que sentado sobre as areias d'uma praia contempla ao longe, com o coração partido, e os olhos em pranto, a branca villa que nas amplexões dos mares arrebatou-lhe a mulher querida. Mas a villa sumiu-se no oceano, o mar tornou-se espelho, a vida e o sangue, um momento concentrados no coração, de novo se espalham... e elle ri-se da sua fraqueza: ri-se, porque o mundo está cheio de mulheres bellas, voluptuosas, delirantes de praser... Sómente ás vezes lá quando em outros labios igualmente vermelhos e humidos este homem descóra n'um beijo, então não poderá deixar de tremer, e sua alma evaporar um suspiro por aquella mulher que tanto amou...

« Querer mais — não será querer uma utopia? »

« Lanco por me entranhar nessa vida delirante dos prazeres sensuaes, eu considerei a minha prisão como unico obstaculo a gosaios.—Quantas vezes meus olhos não seguiam os passos de uma mulher que atravessava a rua, ligeira e elegante, ou voluptuosa nas formas e no andar?... Então eu sentia o sangue effluir-me ao coração e o rosto empallidecia sem eu saber bem por que.

« Um dia, pois eu fugi do collegio.

« E lancei-me cego, frenetico nessa vida desvairada n'uma cidade onde cada rua é um caminho de perdição.

« O Sr. Gonçalves foi logo instruido da minha fuga, eu mesmo lha havia communicado. Não approvou, nem censurou este passo: disse-me sómente que eu poderia tirar mensalmente de casa do seu correspondente certa quantia de dinheiro.

« No fim de dous annos eu estava saciado... Não tinha um verdadeiro amigo... se ao menos houvesse uma mulher que me amasse com toda a força de sua alma?... Tenho vinte annos e ainda não amei... afóra esse affecto de criança que me embalou a infancia, e que talvez já se houvesse dissipado como nuvem azulada ao chegar da tempestade.

« Que importa haja dito a algumas mulheres que as amo, que tenha roubado o amor suas roupas perfumosas para lhe fallar, se meus labios mentem, e o coração fica tranquillo e nem lhes pode responder?

« Entretanto sinto que alguma coisa me

falla... sinto arder-me no cerebro uma idéa fixa, constante, sem cuja realisação meu ser será incompleto.—O que significará ella?

« A's vezes, absolto em algum pensamento puro que me desliga deste mundo, minha imaginação se eleva ás alturas do infinito, do impossivel. Mas ella não caminha só. Vejo a fórma pura e vaporosa de uma mulher acompanhá-la sempre. Será por ventura a imagem de Julia?

« Umaz vezes, quando de repente nuvem negra mancha o azul-claro do firmamento do meu futuro imaginario, eu via a fronte desse anjo pender melancolica como flor ao vento d'inverno, e chorar—por que me via triste— Mas se o sol rompia as nuvens que lhe interceptára as vibrações dos raios, si o sopro do vento percorrendo o céu restituia-lhe a placidez, elle então sorria, e sorria por que me via alegre.

« Outras vezes, estendia-se a meus pés uma campina immensa a se confundir com o horisonte. O véo prateado d'uma noite de luar desdobrava-se sobre a campina fazendo-a parecer-se a um mar sereno. No meio desta campina eu idéava um jardim para habitá-lo com o meu anjo ideal. A's noites, recostarme-hia n'um assento de relva, e aspirando o aroma das flores que em torno desabrochavam, sentia uma embriaguez pouco e pouco invadir-me os sentidos, e um anhelar tão ardente fazia-me delirar o coração que a alma mansamente, deixando a terra, ia subindo a uma região tão pura, balsamica qual deverá ser a do céu. Depois, neste deliquio, eu via aquella fórma de mulher, baixar á terra n'um raio da lua ou no reflexo d'uma estrella, e pousar junto de mim. Então sorrindo com uma doçura toda celestial, collocava sua mãosinha sobre meu coração, e curvando-se sobre meus ouvidos, dizia: amor... Eu despertava, e com os braços estendidos, tremulo, delirante, procurava reter essa appareição que me fugia sempre, como a um louco que visse a amante morrer-lhe nos braços, e gastar depois a vida em abraçar eternamente uma sombra que só existia no cahos de sua desorganizada razão. Entretanto eu inda podera ouvir, que me vinha morrer no coração, como um terno gemer de saudade, aquella nota que dizia amor, e sentir o rescender de perfume como o que se deve respirar no céu.

« Sim! era uma vida deliciosa aquella vida do meu imaginar, mas quanto o acordar era triste e a decepção horrivel!...

« Son har gosar de uma ventura indizível

nos braços da mulher que adoramos, que alimentariamos, se mister fosse até com o nosso sangue, e acordar na terra com os lábios manchados pelos beijos torpes d'uma mulher corrupta!... Gosar em sonhos os encantos d'um ente que só vos pede amor, e muito amor, e acordar na terra no leito crapuloso da mulher que só vos pede dinheiro e muito dinheiro!... Oh que é horrível a transição!... E' a passagem da liberdade para a prisão, da vida para a morte, do céu para o inferno!... E' a passagem do leito perfumoso da virgem que adormecendo entre abre os lábios, qual botão de flor ao receber nma lagrima do céu, e com voz suavissima murmura um nome, somente um nome! o de seu amante, o leito polluto de mulher venal que adormecendo estremece, mas canção do goso intrene do prazer brutal, e entre suspiros cubiçosos, pronuncia o nome do libertino perdulario que, ao levantar-se ebrio de sensualidade, atirou-lhe sobre o leito um punhado de ouro!...

« Foi este o meu viver por muito tempo.

« Atravessava noites e noites n'um delirar de prazeres insanos na companhia das mulheres das ruas. Corria-lhes os lupanares onde o vicio se ostentava nú sem atavios; ou ia velar no luxo, nas grandesas, onde tantas vezes a virtude se proclama rigida, ali existe mascarada... Ovi-lhes contar, macillentas, historias de devassidão. Às vezes choravam ao recordarem-se da infancia, de seus dias de virgindade... miseraveis que só tinham virtude quando as necessidades lhes batiam ás portas... Muitas blasphemavam contra Deus, e maldiziam suas mãis que cubiçosas, as haviam vendidas aos opulentos agiotas das praças da prostituição... Algumas riam da propria miseria e julgavam aquelle aviltamento uma fatalidade... Outras ainda choravam quando se lembravam doseu primeiro amante, desse que as lançara rindo-se nas sentinas do vicio... Algumas riam-se do futuro medonho que as aguardava; porque, diziam, o presente é bello por que somos moças, e o futuro é triste por que somos velhas... e envelheciam na mocidade... Outras, usurarias, escondiam o ouro da infamia; porque, diziam, quando formos velhas e ricas, seremos tambem houradas e respeitadas,..

Era por certo uma vida tresloucada e infame essa que eu levava; era caminhar a passos largos para o abysmo da perdição se eu já não tacteava nas escuridões do vicio proximo ao crime...

« Mas a vida cançava, a taça dos prazeres se esgotou e eu topei com as fezes.

« Julguei-me saciado e enganei-me: queria outra sorte de prazeres, por ventura mais criminosos... Já não era uma orgia, quando os vapores dos espiritos escaldavam-me o cerebro e a razão vaseilante proferia tão horribéis blasphemeas... quando eu sentia os dedos da mulher perdida perderem se por entre os meus cabellos, e seus lábios secos tocarem-me no rosto macillento: não! não era isso o que ora me fazia descorar de paixão—disso já eu estava farto... O que agora me fazia descorar era quando uma virgem fitava-me os olhos, langues ou brilhantes como duas estrellas. Era quando sua voz, suave como um cantar de saudade, vibrava-me no coração, ou as noites dilirava-me os sonhos com seus suspiros... Era tambem quando eu pensava no meu jardimzinho encantado e na fada que o habitava, ou em Julia cuja imagem, chorando de amor, vinha-me recordar nosso primeiro affecto esquecido e profanado nas vivendas do vicio!...

« Tal foi d'ora em diante o meu caminhar pelo mundo. Procurava o amor d'uma virgem... queria porem, enconral-a pura, que aquella flor se fosse abrindo pouco e pouco aos heijos de meu amor.

« Arrepellido atirei sobre o passado um véo de execração; reneguei dos meus amigos das orgias, e sobre as perdidas um soberano desprezo.

(Continúa.)

Recordação.

Quando eu era pequenino
Mais pequeno que o Ely,*
Ou eu brincava a cavallo
Em cima de um burity,
Ou montava sobre as costas
De um enorme jabuty.

Nesse tempo eu não sabia
A sorte que m'esperava;
Nesse tempo, o dia todo,
Só de brinquedos cuidava.
N'um presente tão feliz
Do futuro não pensava.

Correm dias, passam annos,
Foi-se tambem a ventura;
Trabalhos e soffrimentos
Trouxe em breve a sorte dura;
Só ficou-me d'outro tempo
Saudades da vida pura.

Julho de 1859.

* * F.

* Meu filhinho.

Estatística Bibliographica.**IMPRESA PAULISTANA.**

A imprensa da capital de S. Paulo publica hoje os seguintes jornaes :

I. POLITICOS.

O Correio Paulistano, dedicado aos melhoramentos materiaes da Provincia ;

A Lei, dedicada aos interesses do partido conservador ;

A Imprensa Paulista, que advoga a causa liberal ;

O Cruzeiro do Sul, idem ;

II. LITTERARIOS.

Revista Mensal do Ensaio Philosophico ;

Ensaios Litterarios do Atheneu Paulistano ;

Memorias do Culto á Sciencia ;

Exercicios Litterarios do Club Scientifico ;

Murmurios Juvenis do Amor á Sciencia ;

Esboços Litterarios ;

Ensaios da Brazilia ;

O Kaleidoscopio do Instituto Academico ;

Revista Dramatica ;

O Lyrio ;

III. POLITICO-LITTERARIOS.

O Tymbara, liberal ;

A Legenda, idem.

Ao todo..... 16

Dos quaes imprimem-se :

Na Typographia Imparcial..... 12

Na Typographia Litteraria..... 3

Na Typographia da «Lei»..... 1

Sahem :

Diariamente..... 1

Duas vezes por semana..... 2

De cinco em cinco dias..... 1

Semanalmente..... 3

De dez em dez dias..... 1

De quinze em quinze..... 1

Mensalmente..... 7

Jacob, Bibliophilo.

MOSAICO.

.....fructa chocha,
Linguica com holor, banana podre,
Teta que não dá leite,
Balão sem gaz, candeia sem azeite.

Antes e depois de Christo :

3431 — Cyro termina a conquista da Media e inventa de passagem o Mediterraneo.

3140 — O celebre pintor Zeuxis, discipulo de Apollodoro, morre de rir-se, contemplan-

do o retrato de uma velha que elle mesmo pintára.

2427 — Vulcano enfia completamente com a semi-ceremonia de Marte e de Venus. — Invenção do communismo.

2070 — Minerva sahe da cabeça de Jupiter pelas quatro ou cinco horas da tarde.

1640 — Desde então até quarenta annos depois, com o manná do céu, andam os Israelitas no deserto — da sala para a cosinha.

1170 — Fundação da cidade de Tyro, celebre pela suas pistolas.

708 — Calipso não se podia consolar da partida de Ulysses.

492 — O povo romano tendo-se retirado para o monte Aventino, o ventriloquo Menenio Agrippa falla-lhe do estomago.

321 — Cratéra, logar-tenente e favorito de Alexandre-Magno põe fogo, por divertimento, ao monte Vesuvio.

64 — Catilina abusa da paciencia de Cicero.

31 — Morte de Cleopatra por uma sanguesuga.

62 — O incendio de Roma dura seis dias e descança no setimo.

68 — Morte de Nero, que por suas crueldades foi chamado pelos seus contemporaneos — o Ricardo 3.º da Italia —.

98 — Morte de Nerva, inventor do systema nervoso.

158 — Morte de Tacito. Seus ultimos momentos foram taciturnos.

222 — Heliogabalo afoga-se em perfumarias de Rimmel.

282 — Morte de Probo. Foi o inventor da probidade: mas, como morreu cedo o autor e poucos cuidaram da sua invenção, cahiu ella em desuso.

509 — Sexto Tarquinio põe Lucrecia em embaraços.

759 — O rei Pepino tendo dado o seu nome a um fructo, seu filho chamou-se Carlos-Magno.

1080 — Descoberta da purpura por um cão que gostava de ostras.

1189 — Saladino, em um recontro com Ricardo-Coração de leão, chama-o de parte e inventa a salada.

1268 — Conradinho é decapitado em Napoles: sua mulher acha-o em pouco mudado depois deste accidente.

1492 — Christovam Colombo quebra um ovo por ter descoberto a America.

1660 — Restauração dos Stuarts por d'Arctagnan.

1827 — Walter Scott inventa a schotisch.

Commerson.

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

(Continuado da pag. 100.)

FERN. — Maria! amar a outro! — Dá-me uma prova! o mais leve indício, si és capaz!

CONDES. — Um indício? — Confessou-te ella o seu amor antes de a teres escolhido para tua mulher?

FERN. — Não...

CONDES. — Então eras quasi pobre...

FERN. — Sim...

CONDES. — Nesse mesmo dia ella soube da sra. Condessa d'Ávila, a quem trouxera um retrato — da Condessa, sim, a quem esperou em seu quarto — da immensa fortuna que herdavas...

FERN. — Pois Maria sabia?.. É falso!

CONDES. — Como é falso tambem que á essa noticia inesperada repelliu com o maior desdem o amor daquelle que a amava e a quem talvez ainda ama... Esta noite, neste mesmo logar, trama-se contra a tua honra!

FERN. — (Com força.) O que me dizes é uma odiosa calumnia!

MAR. — (Aproximando-se.) Fernando!

CONDES. — (Baixo, a Fernando.) Ainda tenho muito que dizer-te. (Sahe com elle. Na mesma occasião D. Francisco com um traje igual ao de Fernando apparece no fundo.)

MAR. — O que lhe diria aquella mulher?.. no som de sua voz descobri um écho sinistro! Ouviste o que ella lhe dice, sr. Graça!

GRA. — Não, minha senhora.

SIM. — (Baixo.) Pois ouvi eu!

MAR. — O que poderia ella dizer-lhe.... Ah! está só! vou sabê-lo... Adeus, meus senhores. (Corre a D. Francisco, dá-lhe o braço e retiram-se.)

SCENA 8.^a

Graça e Simões.

SIM. — Não seria máu retirarmo-nos tambem; não acha, patrão?

GRA. — Lembra bem, porque este maldito baile tem-me feito suar camisas!

SCENA 9.^a

Os mesmos, Fernando, pouco depois Luiza.

FERN. — Oh! que tecido de infamias!

GRA. — (Admirado, á Luiza que vem de dentro ainda com os mesmos trajes e enfia o braço no de Graça.) Já de volta, senhora!

SIM. — Oh! o sr. Visconde.... (A' parte, examinando Luiza.) Aqui ha historia!.. desconfio muito que esta mulher não seja a verdadeira Viscondessa. O melhor é ir enganar-me. Aproveitemos a occasião: meu sogro está todo atrapalhado. (Sahe correndo.)

SCENA 10.^a

Os mesmos, menos Simões, depois o Conde e a Condessa.

FERN. — O melhor é levar minha mulher d'aqui... Onde está minha mulher, sr. Graça?

GRA. — Aqui está ella, sr. Visconde

FERN. — Maria... (Entram o Conde e a Condessa de braço dado.)

CONDES. — (Ao Conde.) Vosso irmão está ali.

COND. — (Fingindo-se admirado.) Fernando!

FERN. — O que ha de novo?

COND. — Não sei o que ha, ou antes, não acredito no que tenho visto.

FERN. — Como?

COND. — Ha pouco neste baile chegou-se um homem a nós e dice: — Sois parente de Fernando d'Ávila? — Sim, lhe respondemos. — Pois bem: dizei-lhe, retorquiu, que me vingou hoje do mal que outr'ora elle me fez!

FERN. — Eu? — E conheceis esse homem?

COND. — Não.

CONDES. — Tambem eu não conheço; mas quando se separou de nós dice-nos: — O que Fernando d'Ávila me roubou ha um mez, roubou-lhe eu esta noite!

FERN. — Mas que quer isto dizer?

COND. — E acrescentou em voz baixa: — Si me roubou uma amante, eu roubou-lhe sua mulher!

FERN. — Minha mulher! — ousou dizê-lo?

CONDES. — Dice mais: — Que ella o acompanhava muito por seu gosto...

COND. — E que o esperava no seu carro...

FERN. — (Designando Luiza.) Mas ella está ali! (Chamando-a.) Maria!

CONDES. — ... Que para ganhar tempo deixára em seu logar Luiza, sua aia...

FERN. — Maria! — E' impossivel! é... (Aproxima-se cambaleando de Luiza e arranca-lhe a mascara.)

COND. e CONDES. — Luiza!

FERN. — Tu! tu! desgraçada! Quem te deu este traje? quem te mandou para aqui?

(Continua.)